

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

CAUÃ ARAGÃO COELHO

**DO VOIVODA VLAD DRÁCULA, ATÉ O CONDE DRÁCULA.
DO PRÍNCIPE AO VAMPIRO.**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

FEVEREIRO DE 2025

CAUÃ ARAGÃO COELHO

**DO VOIVODA VLAD DRÁCULA, ATÉ O CONDE DRÁCULA.
DO PRÍNCIPE AO VAMPIRO.**

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Costa Prata.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

FEVEREIRO DE 2025

AGRADECIMENTOS:

Meus agradecimentos seguirão inicialmente aos meus familiares, que sempre me nutriram de tudo o que acreditaram ser o melhor pra mim, meus pais e avós aos quais devo importantes heranças de caráter, dignidade, humildade, sabedoria e o gosto pelas ciências humanas (não foi por falta avisos). A seguir agradeço a todos os meus amigos que tem vital importância em meu trajeto como pessoa (me suportar em momentos difíceis). Agradeço aos educadores e professores que me inspiraram a tomar um caminho similar, desde minha formação básica, até agora enquanto graduando do curso de História da UFS. Agradeço ao meu orientador Dr. Rafael Prata, por me dar total liberdade de seguir minha intuição e imaginação para executar essa pesquisa. E por fim, agradeço a mim por ter persistido em me graduar em algo que tanto amei desde minha infância e enfim, por ter acreditado que era capaz de me tornar uma pessoa da qual sentisse orgulho. E que assim continue, aonde quer que a história me leve.

DO VOIVODA VLAD DRÁCULA, ATÉ O CONDE DRÁCULA. DO PRÍNCIPE AO VAMPIRO.

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo um olhar comparativo e reflexivo, se utilizando das esferas histórica, literária e mitológica ao redor de dois personagens que compartilham peculiaridades e semelhanças entre si. Estes personagens são o nobre valáquio Vlad Drácula ou Vlad III e o conde Drácula, personagem que dá vida à obra do escritor irlandês Bram Stoker. A obra a seguir visa contemplar fragmentos que se estendem desde a controversa história do voivoda Vlad III, ao qual é visto como um ícone de terror entre os anais da humanidade durante o século XV, prosseguindo com uma passagem recheada de tramas políticas que mudaram o curso do Leste europeu durante sua vida. Até o nascimento do vampiro de Stoker, refletindo grandes porções do imaginário folclórico do mesmo continente, tanto quanto um relance da realidade no ocidente europeu ao fim do século XIX.

Palavras-chave: Vlad III. Literatura. Drácula.

Resumen: Esta investigación pretende realizar una mirada comparativa y reflexiva, utilizando los ámbitos histórico, literario y mitológico en torno a dos personajes que comparten particularidades y similitudes entre ellos. Estos personajes son el noble valaco Vlad Drácula o Vlad III y el Conde Drácula, personaje que da vida a la obra del escritor irlandés Bram Stoker. El siguiente trabajo pretende contemplar fragmentos que se extienden desde la controvertida historia del voivoda Vlad III, quien es visto como un icono del terror entre los anales de la humanidad durante el siglo XV, continuando con un pasaje lleno de tramas políticas que cambiaron el rumbo de Europa del Este durante su vida. Hasta el nacimiento del vampiro de Stoker, que refleja gran parte del imaginario folclórico del mismo continente, así como una visión de la realidad de la Europa occidental de finales del siglo XIX.

Palabras clave: Vlad III. Literatura. Drácula.

INTRODUÇÃO:

*Entrai de vossa livre vontade,
entrai sem receio e deixai aqui um
pouco da felicidade que trazeis!*
(Stoker, 1897, p. 26).

O seguinte artigo visa investigar relações entre o conde Drácula da obra *Drácula* (1897) escrita por Bram Stoker e o voivoda (príncipe) Vlad Tepes III, que reinou a região da Valáquia entre 1456 e 1462, a obra do escritor irlandês expande as fronteiras da ficção literária para se tornar um ícone cultural e de grande alcance midiático. Embora a origem do mito sobre vampiros não seja de origem exclusiva do autor irlandês, Stoker conseguiu amalgamar elementos de diversas tradições mitológicas e figuras históricas para criar uma das figuras mais reconhecíveis da literatura gótica.

Todavia, o Drácula de Stoker é frequentemente associado à figura histórica de Vlad Tepes III, um príncipe da Valáquia do século XV, conhecido por sua crueldade e pelos métodos peculiares que eram empregados em seu reinado, seja como forma de punição aos inimigos de seu povo, rivais políticos ou muitas vezes os próprios súditos.

A relação entre o personagem literário e a figura histórica se torna o cerne de um grande debate, embora Stoker nunca tenha afirmado explicitamente que seu conde Drácula fosse inspirado por Vlad, a intersecção entre a história e a ficção permanecem gerando frutos ambos na produção acadêmica e em produções midiáticas como filmes. A exemplo de *Drácula* (1931) por Todd Browning e *Drácula: A História Nunca contada* (2014) por Gary Shore ou jogos de vídeo game e seriados de televisão como por exemplo a saga de jogos da KONAMI, *Castlevania* (1986 – 2014), tendo também uma adaptação animada pela Netflix (2021) por Warren Ellis.

A personagem imaginada por Stoker inspirou dezenas de filmes, de desenhos animados, de romances, de novelas e de bandas desenhadas, e supera em notoriedade os heróis mais conhecidos da literatura popular contemporânea. No entanto, contrariamente aos heróis sem medo e sem mácula que são Tarzan, Zorro e Super-Homem ou, num registo diferente, Sherlock Holmes, Hercule Poirot e o comissário Maigret, Drácula nada tem *a priori* que possa atrair a nossa simpatia. É um monstro que só pode suscitar medo e horror, um ser híbrido e nefasto, um morto-vivo que pertence ao mundo do pesadelo e das trevas. (Marigny, 2019, p.14).

Seguindo adiante o caminho da obra pode ser examinado não apenas em suas semelhanças biográficas e simbólicas entre ambos personagens, mas também o modo como a figura histórica de Vlad Tepes III foi reinterpretada na obra literária de Stoker. A análise se concentra em como a obra de Stoker reflete, distorce e dramatiza certos aspectos da vida e do

reinado de tal personagem histórico junto à visão problemática do autor quanto à região em questão do Leste europeu, assim como essa fusão entre realidade histórica e a imaginação literária contribui para a construção de um dos mitos mais duradouros da cultura ocidental.

O personagem conde Drácula, criado por Bram Stoker, é indiscutivelmente uma das figuras mais complexas e fascinantes da literatura gótica. Embora a obra de Stoker seja, em grande parte, uma ficção criada pelo autor, ela acaba por se basear em figuras e eventos históricos, tendo seu alicerce e principal elemento dessa construção de mitologia como a figura de Vlad Tepes III, também conhecido como Vlad, o Empalador.

Vlad foi um príncipe da Valáquia, uma região histórica que corresponde, hoje, ao sul da Romênia. Seu reinado (1448, 1456 a 1462) ficou marcado pela violência extrema, e seus feitos cruéis durante o exercício do poder, estes sendo frequentemente citados como a principal inspiração para a criação do personagem Drácula de Stoker.

O seu rosto era forte, aquilino, com uma elevação acentuada do nariz fino e narinas peculiarmente arqueadas, testa ampla e arredondada e cabelo já a rarear nas têmporas, mas muito abundante no resto da cabeça. As suas sobrancelhas eram espessas, quase se encontrando sobre o nariz, e bastante hirsutas, parecendo encaracolar. A boca, pelo que pude ver sob o bigode espesso, era firme e de aspecto cruel, com dentes particularmente aguçados e brancos. Projetavam-se entre os lábios, cuja cor vermelha demonstrava extraordinária virilidade para a sua idade. Quanto ao resto, as orelhas eram pálidas e pontiagudas, o queixo largo e forte e as faces firmes, embora finas. O efeito geral era de uma palidez extraordinária. Até então, eu tinha reparado nas costas das suas mãos pousadas sobre os joelhos à luz da lareira, e haviam-me parecido brancas e delicadas. Mas, vendo-as mais de perto, pude notar que eram ásperas, grandes e com dedos grossos. Estranhamente, havia pelos nas palmas das mãos. As unhas eram compridas e finas, terminando em ponta. (Stoker, 2014, p. 24).

Em várias adaptações podem ser exaltadas as ditas semelhanças entre como Drácula é figurado e justamente a lenda a qual é atribuído seu semelhante nobre voivoda. Tendo em vista tanto o perfil monstruoso e impiedoso em que o mesmo é enquadrado na vasta maioria das adaptações, como também similaridades físicas as quais miram o reflexo do príncipe valáquio. O nome "Drácula", por exemplo, é um dos primeiros pontos de conexão.

Como mencionado, "Dracul" é derivado do título de seu pai, Vlad II, O Dragão, e o sufixo "a" denota "filho de", portanto, "Drácula" significa "filho do dragão". Embora o termo estivesse ligado ao simbolismo de um defensor cristão na Idade Média devido a ambos pai e filho fazerem parte da "Ordem do Dragão", na obra de Stoker, o nome vem a evocar uma imagem sombria e demoníaca, vale lembrar que em algumas obras a interpretação do próprio nome deixa de ser o filho do dragão para "o filho do demônio" como em "Vlad o Empalador:

Filho do Demônio, Herói de um povo” por Gavin Baddeley e Paul Woods (2011) trazendo mais uma vez o reflexo macabro da névoa sangrenta em torno do personagem histórico.

O próprio conde Drácula de Stoker, com suas raízes na Transilvânia e sua conexão com a mitologia vampírica, está distante das qualidades históricas de Vlad, mas ainda assim carrega elementos dessa tradição de crueldade e poder, levando em conta o poder de manipulação e influência sobre as mentes de outros a partir do pavor provocado por seus feitos.

A conexão entre o Drácula de Stoker e Vlad Tepes também é encontrada na paisagem mítica da Transilvânia, a região montanhosa que se torna a terra natal do Drácula de Stoker. Embora Vlad Tepes fosse, na verdade, príncipe da Valáquia, e não da Transilvânia, a associação com a região, conhecida por seu ambiente sombrio e misterioso, foi fundamental para a construção da atmosfera de terror da obra. As montanhas, os castelos e as florestas escuras da Transilvânia servem como o pano de fundo ideal para o conde Drácula, imortalizando a ideia de um governante medieval, com raízes na realidade histórica, mas ampliado e distorcido pela ficção.

Vlad III é mais conhecido por sua brutalidade e pelos métodos impiedosos que empregava para punir inimigos reais ou percebidos. Seu reinado, especialmente no período de 1456 a 1462, foi caracterizado por uma guerra constante contra o Império Otomano do sultão Mehmed II, bem como por uma feroz luta para consolidar o poder e controlar a nobreza local que o temia e constantemente tramava contra a soberania do mesmo.

A forma mais notória de punição de Vlad era o empalamento, daí é originado o título de “O Empalador”, um método de execução onde as vítimas eram perfuradas por estacas afiadas, muitas vezes sendo deixadas para morrer de forma agonizante. Historicamente, estima-se que centenas, ou até milhares de pessoas, tenham sido mortas por esse método, e relatos de sua crueldade chegaram até os cronistas da época, o que manteve mesmo com a passagem do século XV até o século XIX em evidência as crenças que circundavam o demonizado príncipe, acentuando cada vez mais suas características “inumanas” com o decorrer de suas adaptações e interpretações.

A figura do Drácula histórico gira em torno de certa polarização quando se trata de figurar o mesmo, separando a visão de um “bom príncipe” em busca de se manter no controle de sua região, defender seus interesses, ser um defensor da cristandade, lutar pela independência da Valáquia e ao mesmo tempo ser visto como um grande tirano sanguinário, capaz de feitos terríveis aos quais se distanciavam dos valores religiosos do que seria “um

bom homem”. De acordo com os ideais da doutrina eclesiástica vigente durante o período em questão.

Doravante, o presente documento segue como uma grande mescla de culturas, dois personagens distintos, todavia tão semelhantes e tão frequentemente associados, visões a partir de momentos distintos da humanidade e o alinhamento destes em curso de alguns objetivos. Sendo estes a compreensão de um conto, um nobre, uma obra, um autor e certamente também do ser humano como vetor de seus grandes feitos, sejam eles terríveis ou louváveis segundo as diversas visões que o contemplam.

1. A HISTÓRIA DO PRÍNCIPE VLADISLAV DRÁCULA III:

Vladislav Drácula III, também conhecido como Vlad Drácula, ou Vlad, “O Empalador”, foi uma figura histórica central da história medieval da Valáquia, região que hoje faz parte da Romênia. Segundo grande parte das fontes historiográficas sobre sua vida, este nasceu por volta de 1430 – 1431 na cidade de Sighișoara (anteriormente Schässburg), na Transilvânia, atual Romênia. Sendo o segundo filho de Vlad II Dracul, príncipe da Valáquia, ambos faziam parte da dinastia Basarab do ramo Draculesti.

Vlad teve uma infância conturbada em meio aos joguetes políticos entre a Hungria, Valáquia e os atritos com o Império Otomano, resultando em seu envio como refém para a corte do sultão Murad II em 1444 entre 14 – 15 anos de idade e seu irmão mais novo Radu entre 5 – 6 anos através de um acordo de paz entre seu pai Vlad II e o sultão. Pois não sabia Vlad II que durante essa mesma época os líderes do império da Hungria (o qual a Valáquia tinha estreitas relações) haviam jurado combater as forças Otomanas, as quais a Valáquia havia jurado paz uma semana antes.

Infelizmente para ele, em 4 de agosto, menos de uma semana após o tratado assinado, o rei Vladislav, János Hunyadi e outros dignitários húngaros solenemente juraram, na presença do legado papal Giuliano Cesarini, cardeal diácono de São Ângelo em Pescheria, para partir em campanha contra os turcos, 1º de setembro. Quando Vlad despachou seus filhos mais novos para Murad II como reféns, ele certamente não foi informado diretamente do tratado, sobre o qual muita tinta iria derramar e as controvérsias. O príncipe da Valáquia deve ter ficado ressentido, pois esta traição seria uma ofensa pessoal arquitetada por János Hunyadi, que não o notificou da mudança de orientação política do rei e, portanto, deixou-o sacrificar seus filhos. (Cazacu, 2017, p.42, tradução própria)¹

¹ “Unfortunately for him, on August 4, less than a week after the treaty was signed, King Vladislav, János Hunyadi and other Hungarian dignitaries solemnly swore, in the presence of the papal legate Giuliano Cesarini, cardinal deacon of Sant Angelo in Pescheria, to depart on campaign against the Turks September 1. When Vlad dispatched his younger sons to Murad II as hostages, he assuredly was not informed of this about face, regarding

Um nome de grande importância no decorrer da trama de Vlad III é János Hunyadi (1406 – 1456), também conhecido como John Corvinus, sendo um nobre húngaro, regente e comandante militar que desempenhou um grande papel na guerra contra a expansão otomana na Europa Central e nos Bálcãs. Hunyadi é considerado uma figura essencial nas movimentações políticas e expansionistas do império húngaro deste período. Valendo ressaltar que, a participação deste nobre em tais tramites se deve também por ter ocupado a posição regente do Reino da Hungria durante a minoridade de Ladislau V, tendo grande controle sobre a administração dos territórios da Hungria e das regiões vizinhas.

Após um período de grandes tensões por parte de questões econômicas entre a Hungria e a Valáquia, János Hunyadi que havia assumido a regência do império húngaro em 1444, procede para destronar Vlad II e seu primogênito Mircea II (irmão mais velho de Drácula) executando ambos, instaurando assim um novo governo a partir dos interesses da coroa húngara. Vladislav II, filho de Dan II é designado como novo voivoda da Valáquia, ocorrendo por fim um movimento cruzadista contra os turcos que haviam mantido a paz com o principado valáquio e o império da Hungria por 2 anos.

A partir de uma cruzada infrutífera em 1448 são geradas várias problemáticas para o atual líder da Hungria, como segue segundo Cazacu:

Em 17, 18 e 19 de outubro, János Hunyadi encontrou o exército de Murad II em Kosovo Polje, e a vitória mais uma vez foi para os turcos. Depois desta feroz batalha, o sultão reuniu as cabeças dos vencidos e fez uma grande pirâmide, um antigo costume asiático que sobreviveu até o século XIX. Hunyadi conseguiu escapar disfarçado de soldado comum, mas foi capturado pelo déspota sérvio George Branković, que havia concluído a paz com os turcos. Hunyadi recuperou sua liberdade com um resgate pesado. Quanto a Vladislav II, uma surpresa ainda mais desagradável o esperava na Valáquia. Em sua ausência, seu trono foi assumido por um filho de Vlad Dracul, apoiado por um corpo expedicionário otomano. Este pretendente era Vlad Drácula. (Cazacu, 2017, p.53, tradução própria)²

which much ink would spill and controversies swirl. The prince of Wallachia must have resented this treachery as a personal offence engineered by János Hunyadi, who failed to notify him of the king's shift in political orientation, and thus let him sacrifice his children." (Cazacu, 2017, p.42).

² "On October 17, 18, and 19, János Hunyadi encountered the army of Murad II at Kosovo Polje, and victory once again went to the Turks. After this fierce battle, the sultan collected the heads of the vanquished and made a great pyramid, an ancient Asiatic custom which survived to the nineteenth century. Hunyadi managed to escape disguised as an ordinary soldier, but he was captured by the Serbian despot George Branković, who had concluded peace with the Turks. Hunyadi recovered his freedom with a hefty ransom. As for Vladislav II, an even more disagreeable surprise awaited him in Wallachia. In his absence, his throne was taken by a son of Vlad Dracul, supported by an Ottoman expeditionary corps. This pretender was Vlad Dracula." (Cazacu, 2017, p.53).

Vladislav Drácula tinha entre 18 – 19 anos quando assumiu o trono de seus ancestrais pela primeira vez por volta de 1448, a mesma idade de Murad II e Mehmed II quando estes ascenderam ao trono dos sultões otomanos. Porém, em contraste com esses governantes, Vlad teve uma experiência mais rica, resultante de suas experiências desde o nascimento em três “mundos” diferentes. Sighișoara e o mundo da Transilvânia Saxônica, a Valáquia, onde viveu seus anos de infância até a adolescência e enfim o mundo otomano da Anatólia e Adrianópolis, onde ele residira desde 1444 até então.

Diante desta etapa, o novo voivoda valáquio devia obediência ao sultão otomano, pois este patrocinou a sua ascensão ao trono em Targoviste (capital da Valáquia). Todavia sem o apoio devido dos boiardos senhores feudais de suas terras, que com a morte do seu pai e irmão em 1447 já não deviam mais aliança à família do príncipe. Sendo assim os boiardos escolhem tomar parte com Vladislav II e János Hunyadi contra o sultão Murad II.

O governo de Vlad III não é lembrado por ser estável, e seu primeiro reinado foi breve. Pois enfim, János Hunyadi escapa do déspota sérvio George Branković que o mantinha cativo, retornando sob grandes baixas da derrota em sua cruzada contra o sultão otomano. Juntando-se enfim a Vladislav II em vias de expulsar e exilar Vlad para a Moldavia, encerrando assim sua primeira passagem pelo trono da Valáquia durante o mesmo ano de ascensão do príncipe Drácula.

Através deste período, Vlad III já era conhecido por seu apelido “O Empalador” pelas forças de combate otomanas, como consta pela crônica otomana anônima *Tevārih-i āl-i Osmān*:

No ano seguinte [após a Batalha de Kosovo], iniciando uma nova [campanha], ele [Murad II] mandou construir a fortaleza de Giurgiu. De lá, ele lançou incursões na Valáquia e colocou lá como príncipe “O Empalador”, filho de Dracul, e deu-lhe uma bandeira e um hilat [manto cerimonial], e concedeu-lhe todos os tipos de favores. Então ele o enviou com o akıncılar, que foi instalar o príncipe no lugar de seu pai. (Tevārih-i āl-i Osmān, trans. Giese, 98. For the original Ottoman with facing German translation, see Corpus Draculianum, vol. 3, 148 [Ottoman]/149 [German]. Romanian translation in Guboglu and Mehmet, eds., Cronici turcești, 185. Cazacu, 2017, p. 67, tradução própria)³

³ “The following year [after the Battle of Kosovo], setting forth on a new [campaign], he [Murad II] had the fortress of Giurgiu constructed. From there he launched incursions into Wallachia and placed there as prince “The Impaler,” son of Dracul, and gave him a flag and a hilat [ceremonial robe], and accorded him all sorts of favors. Then he sent him with the akıncılar, who went off to install the prince in place of his father.” (Tevārih-i āl-i Osmān, trans. Giese, 98. For the original Ottoman with facing German translation, see Corpus Draculianum, vol. 3, 148 [Ottoman]/149 [German]. Romanian translation in Guboglu and Mehmet, eds., Cronici turcești, 185).

Após ser exilado na Moldavia, Vlad participa de algumas mudanças no poder local, que acaba por pender enfim para o lado húngaro e o força a retornar para sua região natal em Sighișoara ou Brasov, onde o nome de seu pai ainda era bem recebido. Hunyadi acaba por permitir o asilo do príncipe nas terras da Transilvânia, duvidando que Vlad poderia erguer quaisquer grandes ameaças contra seu governo. Afinal agora o império Otomano havia passado para as mãos de Mehmed II, filho de Murad II, o qual estava em vias de sitiá-lo Constantinopla. Em 20 de novembro de 1451 Mehmed II assinou um tratado fazendo as pazes com os impérios Húngaro e Veneza.

O novo sultão otomano entra em acordos com as respectivas regiões e suas adjacentes, aceitando os termos de paz e o retorno dos tributos ao Império Otomano a partir destas, sendo em ouro e em *janízaros*.

Os janízaros foram criados durante o reinado de Murad I (1362-1389), no século XIV, como uma força centralizada e profissional dentro do exército otomano. A formação dos janízaros era única, e o método de recrutamento se diferenciava de outros exércitos da época. A principal fonte de recrutamento dos janízaros era o “devshirme”, um sistema que envolvia a coleta de garotos cristãos da região balcânica e de outras partes do Império Otomano. Esses meninos eram levados para o Império, onde eram convertidos ao Islã, treinados e educados, muitas vezes em condições rigorosas, para servir no exército. Embora o sistema fosse rigoroso, também oferecia a esses jovens uma oportunidade de ascensão social, já que eles podiam alcançar grandes posições de poder, incluindo o cargo de comandante militar.

Apesar do tratado de paz em 1451 a trajetória dos acontecimentos segue em rumos drásticos, pois em 1453 o sultão Mehmed II conquista Constantinopla. Tornando-se um crescente perigo aos países da região dos Bálcãs. Diante disso, em 1456 János Hunyadi já havia entregue a regência do trono húngaro ao legítimo rei Ladislav V “O Póstumo”, sendo nomeado um governador do império. Durante o mesmo ano, Vlad III é apresentado por Hunyadi para o rei num encontro em Buda (então capital da Hungria) pois o sultão otomano se preparava para avançar em Belgrado e entrar novamente em guerra. Assim sendo, Drácula é indicado como comandante durante a defesa contra os otomanos.

O cerco a Belgrado termina por ser uma vitória custosa para o império da Hungria, pois apesar de seu sucesso na defesa da cidade, uma peste irrompe a partir do saque dos acampamentos otomanos e se espalha dentre os camponeses e o exército cristão. János Hunyadi morre em 11 de agosto de 1456. Proporcionando enfim a abertura para Vlad iniciar seus planos e reclamar seu trono:

Em 11 de agosto, János Hunyadi morreu de peste que atingiu o acampamento turco e depois se espalhou para os cristãos ladrões de cadáveres. A notícia da morte de Hunyadi se espalhou como um incêndio. Em seu túmulo na Igreja Católica catedral de Alba Iulia, na Transilvânia, pode-se ler a inscrição “A luz do mundo está extinta.” Mas outra luz brilhava agora no mundo, nomeadamente o cometa Halley, que apareceu em 8 de junho de 1456 e permaneceu visível em o céu durante todo o mês. Vlad Drácula viu nisso um sinal favorável, e até tinha uma imagem do cometa colocada em moedas cunhadas entre 1456 e 1457. (Cazacu, 2017, p.77, tradução própria).⁴

Assim Vlad III surge na Valáquia munido de seu exército, junto ao descontentamento dos boiardos com Vladislav II, então líder do reino. Facilmente perseguiu e assassinou o aristocrata, a poucos quilômetros de Bucareste na pequena cidade de Târgsor. Ali seus seguidores boiardos o traíram, dando início ao segundo e maior reinado de Vlad III (1456 – 1461).

Aqui começam os movimentos sangrentos e impiedosos de um reinado marcado em ferro e sangue. Assim seguem os relatos do papa Pio II (1405 – 1464) sobre a ascensão de Vlad Drácula Țepeș ao trono da Valáquia:

“Ele invadiu a província de Cibinium e queimou muitas casas de fazenda com todos os seus ocupantes. Um grande número de homens estava sendo levado acorrentado para a Valáquia e lá empalado em estacas. Comerciantes que atravessavam a Valáquia com mercadorias preciosas, induzidos a fazê-lo por promessas de salvo-conduto do Estado, ele saqueava os seus bens e matava. Ele fez com que quatrocentos meninos fossem trazidos de Vurcia sob o pretexto de que lhes ensinassem a língua valáquia e os encerrassem numa fornalha onde seriam queimados até a morte. Os homens mais nobres de sua raça e aqueles que eram mais próximos dele, ele matou junto com suas esposas e filhos. Alguns de seus familiares ele enterrou nus até o umbigo e depois crivados de flechas; alguns ele esfolou. Para um certo Daym, filho de outro Daym, o voivoda que ele levou na guerra, ele construiu um túmulo enquanto ainda estava vivo e ordenou aos sacerdotes que entoassem o serviço fúnebre; quando terminaram, ele decapitou o prisioneiro. Ele prendeu cinquenta e três embaixadores que lhe foram enviados pelos Siculi e pela Transilvânia. Então ele invadiu suas terras, que não temiam qualquer movimento hostil, e as devastou com fogo e espada.” (The Commentaries of Pius II, Books X-XIII, translation by Florence Alden Gragg, with historical introduction and notes by Leona C., 1957, p.738, tradução própria).⁵

⁴ “On August 11, János Hunyadi died of plague which had struck the Turkish camp, and then spread to Christian corpse robbers. The news of Hunyadi’s death spread like wildfire. On his tomb in the Catholic cathedral of Alba Iulia, in Transylvania, one can read the inscription “The light of the world is extinguished.” But another light was now shining in the world, namely Halley’s Comet, which appeared June 8, 1456 and remained visible in the sky for the entire month. Vlad Dracula saw in this a favorable sign, and even had an image of the comet placed on coins struck between 1456 and 1457.” (Cazacu, 2017, p.77).

⁵ “He invaded the province of Cibinium and burned many farmhouses with all their occupants. A great number of men were taken in chains to Wallachia and there impaled on stakes. Traders who were crossing through Wallachia with precious merchandise, induced to do so by promises of safe -conduct from the state, he plundered

Estendendo a crueldade até aos próprios soldados e a aqueles que se recusavam seguir suas ordens:

Ceilino, o capitão de suas próprias tropas, ele empalou porque se recusou a satisfazer sua crueldade monstruosa. Ele queimou na fogueira seiscentos homens de Vurcia que caiu em suas mãos quando atravessavam para uma província vizinha. Um certo Zeganurus que se recusou a enforcar um ladrão com as próprias mãos que havia sido pego, ele ferveu em uma grande panela e serviu-o como acompanhamento no banquete aos seus concidadãos. Ele arrancou bebês chupadores dos peitos de suas mães e diante de seus olhos os lançaram contra as rochas. Entrando na província da Transilvânia, ele convocou como seus amigos todos os valáquios que moravam lá e quando todos estavam reunidos ele soltou seus soldados e os matou e queimou todas as suas fazendas. Por esses métodos, diz-se que ele assassinou mais de 30.000 pessoas. (The Commentaries of Pius II, Books X-XIII, translation by Florence Alden Gragg, with historical introduction and notes by Leona C., 1957, p.738, tradução própria)⁶

O método de empalamento pelo qual ficou mais conhecido partia do princípio de a vítima ser perfurada com um longo e afiado poste de madeira. Em muitos casos, o poste era introduzido de maneira a passar pelo corpo da vítima de baixo para cima ou de cima para baixo. O objetivo era que o poste não atingisse órgãos vitais imediatamente, prolongando o sofrimento do empalado. O corpo da vítima permanecia suspenso sobre o poste. Muitas vezes, sendo abandonada até sua morte, o que podia levar horas ou até dias. Em alguns casos, as vítimas eram empaladas de forma que o poste atravessava as regiões genital ou anal, sendo considerada uma das formas mais cruéis e humilhantes de tortura.

of their goods and killed. He had four hundred boys brought from Vurcia on the pretext of having them taught the Wallachian language and shut them up in a furnace where they were burned to death. The nobler men of his race and those who were most nearly akin to him he killed together with their wives and children. Some of his household he had buried naked up to the navel and then riddled with arrows; some he had skinned. For a certain Daym, son of another Daym, the Voivode whom he took in war, he built a tomb while he was still alive and ordered the priests to chant the burial service; when they had finished he beheaded the prisoner. Fiftythree ambassadors who had been sent to him by the Siculi and Transsylvanians he imprisoned. Then he invaded their lands which had no fear of any hostile move, and ravaged them with fire and sword.” (The Commentaries of Pius II, Books X-XIII, translation by Florence Alden Gragg, with historical introduction and notes by Leona C., 1957, p.738,).

⁶ “Ceilinus, the captain of his own troops, he impaled because he refused to satisfy his monstrous cruelty. He burned at the stake six hundred men of Vurcia who fell into his hands as they were crossing to an adjoining province. A certain Zeganurus who had refused to hang with his own hands a thief who had been caught, he boiled in a great kettle and served him up as a banquet to his fellow - citizens. He tore sucking babes from their mothers' breasts and before their eyes dashed them upon the rocks. Entering the province of Transsylvania he summoned as his friends all the Wallachians who lived there and when they were all gathered he let loose his soldiers and killed them and burned all their farms. By these methods he is said to have murdered more than 30,000 persons.” (The Commentaries of Pius II, Books X-XIII, translation by Florence Alden Gragg, with historical introduction and notes by Leona C., 1957, p.738,).

Vlad III usava o empalamento como uma forma de punir e aterrorizar seus inimigos e transgressores de seu governo, como parte de sua política de terror. Acreditando que isso dissuadiria os invasores otomanos e as facções rivais da Valáquia, criando uma imagem de crueldade inumana e uma "cultura de medo". O método também era utilizado para punir ladrões, criminosos e aqueles considerados traidores. Os corpos empalados eram frequentemente expostos em locais públicos, visíveis para o maior número de pessoas possível, com o intuito de maximizar o efeito de terror e alerta para aqueles que planejavam invadir ou profanar suas terras.

Seu governo apesar de sangrento, consegue atingir feitos que seus antecessores não chegaram perto de conseguir, estabelecendo livre comércio com as regiões adjacentes e reestabelecendo a economia da Valáquia. Aproximadamente entre 1456 – 1457, Vlad volta a reemitir os ducados (moeda valáquia) com metal de alta qualidade e a imagem da águia com uma cruz no bico e o cometa Halley que esteve visível ao céu durante sua ascensão ao poder no ano anterior. Durante esse processo termina por desequilibrar a balança comercial, pois o ducado valáquio acaba por sobrepor o valor do florin (moeda húngara).

A partir desse momento retornam as antigas tensões entre os interesses da Valáquia e do império húngaro. Em 1458 ascende ao poder Matthias Corvinus, filho de János Hunyadi (John Corvinus), um jovem rei do império da Hungria com várias difíceis metas a serem cumpridas junto a sua ascensão. Sendo estas metas, pacificar o reino, neutralizar os magnatas húngaros e arrefecer a fome do seu tio Michael Szilágyi por guerra contra os turcos. Objetivos que conseguiu cumprir. Cedendo aos ataques de Vlad III contra os magnatas de Sibiu e reconhecendo as proclamações de Vlad durante seus ataques. Por fim retirando os poderes de seu tio como governador da Hungria e fazendo acordos para pacificar o reino e seus vizinhos.

Todavia por conta da prisão e envio de Michael Angelović (um voivoda da Sérvia) para a Hungria. Mehmed II se enfurece e lança uma campanha contra a Sérvia liderada por Mahmud Pasha Angelović (irmão jurado de Michael Angelović). O objetivo da campanha era restaurar Michael como voivoda da Sérvia, pois este era ligado aos interesses do sultão otomano.

Com a campanha otomana em curso, Pasha acabou por invadir as terras da Valáquia, produzindo uma resposta do próprio Vlad III junto aos saxões e húngaros. O voivoda procede a campanha empurrando o exército otomano para atrás do rio Danúbio (divisa da Valáquia), desbaratando e matando mais da metade dos 18.000 otomanos que haviam iniciado a campanha na Valáquia como segue o relato, a partir da biografia de Mehmed II por Franz Babinger:

Ao saber o que havia acontecido, ele perseguiu os inimigos e os confrontou de madrugada, com o resultado de que de 18.000 turcos, menos de 8.000 conseguiram escapar. O resto foi afogado ou cortado em pedaços, e todos os cativos foram recuperados. Temendo que os húngaros tivessem sequer maior número de forças [à sua disposição], Mahmud Pasha fugiu com seu exército e foi para Sofia. (Franz Babinger, *Mehmed the Conqueror and his Time*, ed. William H. Hickman, trans. Ralph Manheim, Bollingen Series, vol. 96, 1978, p.155-156., tradução própria).⁷

Este resultado termina por colocar Drácula em uma posição delicada, pois agora estaria a mercê da retaliação do sultão, já que escolheu defender seu povo contra a invasão e em parte tomando o lado dos inimigos de Mehmed II. Sendo permanentemente situado numa ilha, da qual não haveria saída a não ser o confronto com várias partes ao mesmo tempo. Finalmente, a partir destes eventos o voivoda produz a Páscoa Sangrenta ou “Bloody Easter” em 1459 onde este reúne parte dos boiardos senhores de terra de sua região para um banquete e os empala, contabilizando aproximadamente 50 boiardos empalados. Realizando assim uma “limpeza” em seu reino, daqueles em que não confiava, a partir de seus princípios.

Adiante, essas atitudes e a guerra civil na qual a Hungria estava mergulhada pela disputa do trono entre Matthias Corvinus e Frederico III, acaba por forçar uma resposta do papa Pio II com o “Conselho de Mantua”. Conselho que reuniu todas partes e unificou os objetivos de todos os envolvidos em prol de uma resolução cruzadista, o intuito era defender a região dos balcãs contra a ameaça muçulmana. Apesar da reunião, Drácula ainda representava um vassalo problemático, por sua inflexibilidade quanto aos suseranos húngaros e sua política de guerra comercial.

A tentativa de substituir Vlad III por Dan III (nobre pretendente que detinha asilo em Brasov) termina por ser catastrófica, já que Dan além de falhar em tentar destronar o atual líder da Valáquia, termina por ser morto em 1460, provendo direito a retaliação por parte de Drácula em relação a Brasov, Făgăraș e Amlaș, outras cidades que viviam sob forte influência da Hungria e seus nobres. Forçando assim um tratado de paz entre os saxões ao lado de Matthias e Drácula. O rei húngaro pediu que os feitos reféns valáquios durante a revolta de Dan, fossem devolvidos à Valáquia e junto a estes 4.000 homens para se defender dos turcos.

Tendo se concretizado a aliança entre a Valáquia e o império húngaro, o sultão Mehmed II vê o perigo da junção de dois inimigos próximos. Envia prontamente o grande

⁷ “Having learned what had happened, he pursued the enemies and confronted them at dawn, with the result that out of 18,000 Turks less than 8,000 were able to escape. The rest were drowned or cut to pieces, and all the captives were recovered. Fearing that the Hungarians had even greater numbers of forces [at their disposal], Mahmud Pasha fled with his army and went to Sofia.” (Franz Babinger, *Mehmed the Conqueror and his Time*, ed. William H. Hickman, trans. Ralph Manheim, Bollingen Series, vol. 96, 1978, p.155-156).

diplomata grego Thomas Katabolenos e Hamza bey de Nicópolis (um vizir, nobre turco), exigindo a Vlad o tributo retroativo que não havia sido pago desde 1458 até 1462. Esta atitude inflamou o príncipe, que ainda não havia esquecido a traição dos turcos para com seu pai, sendo atraído para Adrianópolis e encarcerado por Murad II a partir da mesma estratégia diplomática.

A vingança do príncipe foi meticulosa e rápida:

Atravessando o Danúbio congelado no auge do inverno, o voivoda dividiu seu exército em vários esquadrões e lançou um ataque devastador, cobrindo cerca de 800 quilômetros, de Kilia até Rahova, perto da foz do rio Jiu. Nem uma única cidade ou vila foi poupada, independentemente de serem turcos ou búlgaros. As forças de Vlad destruíram todos os portos e navios dos pontos de passagem do Danúbio, matando ou transportando para a margem esquerda milhares de cristãos. Os objetivos específicos do ataque eram impressionar os otomanos; destruir os covis dos akincilar e dos martolos (guardas da fortaleza, fuzileiros navais do Danúbio); e deslocar uma população que fornecia o exército imperial em campanha com provisões, guias, espões, carroças, e auxiliares de todos os tipos. (Cazacu, 2017, p.141, tradução própria).⁸

A reação para com as atrocidades de Vlad é a total atenção do Império Otomano voltada para a Valáquia, assim sendo, o voivoda pede socorro ao rei Matthias, visando defender a região dos Balcãs a todo custo. Ajuda esta que não viria, pois o rei estava ocupado em seu objetivo de recuperar a coroa húngara, sem fundos para custear a defesa e havia um certo medo e desconfiança em relação ao antigo laço entre Vlad e os turcos. Drácula termina iniciando sozinho uma guerra aberta entre a Valáquia e o Império Otomano.

Vale a pena frisar e relembrar, o poderio Otomano se multiplicava em muito em relação as forças valáquias, pois então Drácula opta pelo tipo de conflito no qual era especialista. A guerra psicológica, os pequenos assaltos e guerrilhas, chegando a quase assassinar o próprio Mehmed II em um assalto durante a madrugada infiltrando-se com seus homens no acampamento turco. Com a falha do assassinato, Vlad recua para os castelos da Valáquia, deixando cada palmo para trás pintado como um grande teatro abominável. Segue o relato da chegada do sultão em Targoviste:

⁸ “Crossing the frozen Danube in the depths of winter, the voievod divided his army into several squads and launched a devastating raid, covering some 800 kilometers, from Kilia up to Rahova, near the mouth of the Jiu River. Not a single city or village was spared, regardless of whether they were Turkish or Bulgarian. Vlad’s forces destroyed all the harbors and vessels of the Danube crossing points, killing or transporting to the left bank thousands of Christians. The raid’s specific objectives were to impress the Ottomans; destroy the lairs of the akincilar and the martolos (fortress guards, Danube marines); and dislocate a population which was supplying the imperial army on campaign with provisions, guides, spies, wagons, and auxiliaries of all sorts.” (Cazacu, 2017, p.141).

O sultão então marchou pela cidade... ele continuou e, depois de avançar vinte e sete estádios, eles viram seus próprios homens que haviam sido empalados. Havia grandes estacas nas quais, como foi dito, cerca de vinte mil homens, mulheres e crianças foram espetados, um espetáculo e tanto para os turcos e para o próprio sultão. O sultão foi capturado com espanto e disse que não era possível privar seu país de um homem que realizou feitos tão grandes, que tinha uma compreensão tão diabólica de como governar seu reino e seu povo. E ele disse que um homem que tivesse feito tais coisas valia muito. (Translation here from Appendix, pp. 353–354. For the original Greek with facing English translation, see ed. and trans. Kaldellis, vol. 2, 9.103–104, pp. 390/392 [Greek], 391/393 [English]. Cazacu, 2017, p. 151, tradução própria).⁹

A floresta de estacas percorreu aproximadamente 3 quilômetros, e assim permaneceu a campanha de pequenos assaltos na qual Mehmed tentou capturar todos os castelos da região, mas ainda assim não conseguia alcançar o príncipe valáquio. As tensões vindas da região Moldavia e seus desentendimentos com Vlad acabam por aflorar durante o conflito. Agora o voivoda teria de lidar com duas frentes ao mesmo tempo. Ainda assim, o mesmo termina por não ser capturado por nenhuma das forças, tendo o sultão otomano que bater em retirada em conta da custosa campanha e a Moldavia tem seu líder Stephen “O Grande” atingido com feridas que nunca curaram, levando ao seu falecimento anos depois por gangrena em 1504.

O sultão, todavia, deixa para trás Radu “O belo” meio-irmão mais novo de Vlad, fruto do segundo casamento de seu pai, como uma “nova opção” para os boiardos valáquios, tentando os corações destes boiardos contra Drácula e seu reino de terror. Ocasionalmente assim, a partir da assistência do próprio Matthias Corvinus, a ascensão de Radu II e a queda de Vlad III como voivoda da Valáquia, sendo encarcerado por Matthias durante seu casamento, ao qual o próprio rei havia organizado, e levado à Hungria por seus próprios homens em 1462.

A traição de Matthias a partir do encarceramento de Vlad e a paralisação da cruzada teve sua duração até 12 de julho de 1475, quando o rei Matthias e Stephen “O Grande” (ainda vivo) se aliaram e reformaram a frente contra os turcos. Agora Vlad tendo sido preso por aproximadamente 13 anos, é liberado pelo rei húngaro e reintegrado como voivoda da Valáquia, reestabelecendo controle sobre a região e sobrepujando Basarab III que detinha o controle do principado durante esse período. Apesar do retorno de Drácula ao poder e da sua

⁹ “The sultan then marched through the city... He continued on and, after advancing for twenty-seven stades, they beheld their own men who had been impaled. The sultan’s army entered into the area of the impalements, which was seventeen stades long and seven stades wide. There were large stakes there on which, as it was said, about twenty thousand men, women, and children had been spitted, quite a sight for the Turks and the sultan himself. The sultan was seized with amazement and said that it was not possible to deprive of his country a man who had done such great deeds, who had such a diabolical understanding of how to govern his realm and its people. And he said that a man who had done such things was worth much.” (Translation here from Appendix, pp. 353–354. For the original Greek with facing English translation, see ed. and trans. Kaldellis, vol. 2, 9.103–104, pp. 390/392 [Greek], 391/393 [English]. Cazacu, 2017, p. 151).

vitória junto à Stephen, seu terceiro reinado não durou muito. Pois Basarab III retornou no natal de 1476 com um ataque surpresa e destronou o voivoda, resultando em sua morte.

Várias fontes divergem e ainda não há como comprovar o meio da morte desse grande personagem da história medieval europeia. Todavia algumas possibilidades como citado por Cazacu, podem ser estudadas:

Basarab III retornou inesperadamente, com a ajuda dos beis turcos do Danúbio. Na batalha que se seguiu, Drácula foi “despedaçado” com 4.000 homens, segundo o contemporâneo Leonardo Botta, enviado do duque de Milão a Veneza... Para Jakob Unrest e o historiador polaco Jan Długosz, ambos contemporâneos desses eventos, Drácula foi traído por um de seus próprios homens de confiança, um turco que foi subornado por Mehmed II. Quando a batalha começou, ele se aproximou de Drácula por trás e cortou sua cabeça, com um único poderoso golpe de sua espada. (Cazacu, 2017, p.180, tradução própria).¹⁰

A partir deste momento na presente pesquisa, pode-se ter uma ideia mais consistente de quem foi o príncipe valáquio, como este conquistou seu lugar dentro dos anais da história medieval europeia e como sua lenda perdurou por tantos séculos, mesmo após sua morte que até então não encontrou a luz de alguma certeza.

2. O VAMPIRO DRÁCULA NA LITERATURA DE BRAM STOKER:

Brevemente introduzida neste documento, a obra “Drácula” do escritor irlandês Bram Stoker em 1897, complementa e endossa a visão do personagem escolhido como objeto desta pesquisa. A crença de que o conde não poderia existir sem o príncipe se reafirma, desde seu nome até suas características aristocratas e métodos aterrorizantes para com suas vítimas. Colocando em luz o esclarecimento e a comparação entre o voivoda valáquio e o conde de Bram Stoker, pode-se compreender o por que ambos se desenvolvem e descrevem em caminhos semelhantes, e apesar do compartilhamento destas semelhanças, se situam em diferentes tempos e aspectos.

A apresentação do fantástico ante ao real, no caso da obra em questão termina por ser ilusório, uma vez que no decorrer da narrativa, a mesma se baseia em signos e elementos que pertencem ao universo tangível. Segundo MARIGNY, um autor deve necessariamente se exprimir utilizando sistemas de referência linguísticos, culturais e, até mesmo, morais, que

¹⁰ “Basarab III unexpectedly returned, with help from the Danubian Turkish beys. In the ensuing battle, Dracula was “cut to pieces” with 4,000 men, according to the contemporary Leonardo Botta, the Duke of Milan’s envoy to Venice... For Jakob Unrest and the Polish historian Jan Długosz, both of whom were contemporary with these events, Dracula was betrayed by one of his own trusted men, a Turk who was bribed by Mehmed II. When the battle commenced, he crept up on Dracula from behind and cut off his head, with a single mighty blow of his sword.” (Cazacu, 2017, p.180).

fazem parte especificamente de uma sociedade e de uma determinada época, este pensamento é fundamentado por Irène Bassière:

Criar fora da verossimilhança e contra a verossimilhança é ainda tratar da verossimilhança, e, conseqüentemente, limpar a palavra específica do real a partir de índices do equilíbrio e da continuidade culturais. O disparate, o equívoco, a incoerência escolhidos não rejeitam simplesmente o concreto e não dão a conhecer somente o imaginário. (BESSIERE, Irène., 1974, p. 213)

Para compreender o monstro de Stoker deve-se observar sua origem. A mitologia vampírica, como foi narrada desde seu nascimento no medievo até a contemporaneidade tem suas raízes em várias culturas e tradições que existem há séculos. Difusas histórias sobre criaturas que se alimentam de sangue ou possuem características semelhantes aos vampiros. Embora a figura do vampiro tenha evoluído com o tempo, seu início pode ser rastreado através de várias influências mitológicas, folclóricas e literárias do continente europeu.

Para além de Bram Stoker temos desde Heinrich August Ossenfelder (1725 – 1801) em “*Mein liebes Mägdchen glaubet*” (Minha querida jovem donzela Clingeth) sendo considerada a primeira obra com menção ao vampirismo em 1748. Wilhelm Gerhard (1780 – 1858) em 1828 com “*Wila: Serbische Volkslieder und Heldenmärchen*” (Vila: canções folclóricas sérvias e contos heroicos) e Prosper Mérimée (1803 – 1870) em 1827 com “*La guzla, ou choix de poésies illyriques, recueillies dans la Dalmatie, la Bosnie, la Croatie et l’Herzegovine*” (O guzla, ou escolha da poesia ilírica, coletados na Dalmácia, Bósnia, Croácia e Herzegovina) todos dramaturgos referenciando figuras vampíricas em suas obras.

Estas obras consistem apanhados de baladas e contos locais do Leste europeu tendo certa similaridade e consenso quanto aos aspectos físicos dos vampiros, estes em maioria sendo descritos como mortos-vivos aos quais atacavam e matavam suas vítimas sugando o sangue das mesmas através de mordidas na região do pescoço. Como um todo, várias destas obras foram movidas inicialmente pelo apelo romancista literário, todavia várias percorrem caminhos tortuosos com os estereótipos em relação aos povos do leste europeu, o que se repete na obra de Bram Stoker. Segue o trecho da obra de Mérimée segundo BOHN:

Do nada, um soldado sérvio, que tinha sido mortalmente ferido na luta contra os turcos, chega à casa de Konstantin Jakubović e, imediatamente ao chegar, cai morto em seu quintal. Graças ao serviço militar, ele está enterrado em uma sepultura no cemitério católico, apesar de sua fé ortodoxa. Eventos então tomam uma guinada sinistra. Pouco depois do enterro, o filho de Konstantin cai gravemente doente e começa a murchar. Eventualmente, um sábio eremita descobre uma marca vermelha em a garganta do menino, que ele atribui à mordida de um vampiro. Suspeita imediatamente cai sobre o

estranho soldado estrangeiro. (BOHN, Thomas M., 2019, p. 2, tradução própria).¹¹

O Drácula de Bram Stoker é descrito como uma figura imponente e misteriosa, com uma aparência que mistura elementos humanos e sobrenaturais sendo um homem de estatura alta, com traços faciais muito distintos. Sua pele é pálida, quase translúcida, e seus olhos são vermelhos ou têm uma intensidade hipnótica, dando a ele uma presença perturbadora. Drácula possui um olhar penetrante que parece ter um poder sobrenatural, capaz de dominar a mente das pessoas ao seu redor.

Durante a obra fica destacada a forma como o autor pinta o antagonista, descrevendo-o como uma figura demoníaca, charmosa, vil e com poderes além da compreensão. A aura de Drácula se torna tão surreal, que os personagens demoram a crer que o conde possua tais poderes ou que mesmo seria capaz de tais feitos dada a sua aparência primeiramente inofensiva, como um velho fraco e senil, posteriormente com a figura aristocrata rejuvenescida que se adequava aos padrões de beleza britanos do recorte em questão.

O aspecto metafísico do conde surge com a herança do folclore europeu, a associação ao Drácula histórico com o conde de Stoker dificilmente pode ser desviada, embora o autor não assim o referencie diretamente. Para o escritor a escolha do nome dado ao personagem teria partido de uma tradução errônea, em que o nome Drácula teria sido traduzido como “demônio” do romeno para o inglês. Todavia se mantém constantes as evidentes associações, no decorrer da obra do autor irlandês, podendo ser notadas através de aspectos físicos dada a semelhança descritiva entre ambos. Até enfim, o caráter temerário e despótico que o conde e o voivoda valáquio compartilham, tornando a comparação algo quase incontornável.

No romance Drácula, o professor Van Helsing (personagem da obra) define o conde vampiro como a personificação do mal e a personificação da furtividade. Ele é indestrutível e imortal, e extrai força sobre-humana do sangue, que ele suga dos vivos. Toda uma gama de características o dota de uma tremenda superioridade, tendo poder tanto sobre os mortos quanto sobre os elementos. O conde também possui a capacidade de alterar sua forma física, rejuvenescer e até ficar invisível. Enfim sendo capaz de entrar em qualquer lugar, atravessando a escuridão com sua visão.

¹¹ “Out of nowhere, a Serbian soldier, who had been fatally wounded in the struggle against the Turks, arrives at Konstantin Jakubović’s house and, immediately upon his arrival, falls dead in his yard. Thanks to his military service, he is buried in a grave in the Catholic cemetery, despite his Orthodox faith. Events then take a sinister turn. Shortly after the burial, Konstantin’s son falls gravely ill and begins to wither away. Eventually, a wise hermit discovers a red mark on the boy’s throat, which he attributes to the bite of a vampire. Suspicion immediately falls upon the strange foreign soldier.” (BOHN, Thomas M., 2019, p. 2).

O nosferatu não morre como a abelha quando se pica. Fica mais forte e mais capaz de praticar o mal. Esse vampiro que está entre nós é mais forte que vinte homens; é mais astucioso que qualquer mortal e se vale, ainda, da necromancia; pode, dentro de certas limitações, aparecer à vontade, sob qualquer das formas de que dispõe; pode, dentro de sua categoria, dirigir os elementos: a tempestade, o nevoeiro, o raio... (Stoker, 2014, p. 207).

Neste fragmento observa-se o uso do termo "nosferatu" tendo origem na palavra do romeno "nosferatu", que é um termo antigo para "vampiro". Essa palavra foi popularizada na cultura ocidental, a partir do próprio romance de Stoker e a partir do filme expressionista alemão de 1922, *Nosferatu*, dirigido por F. W. Murnau.

No entanto, o termo pode ter sido influenciado por outras palavras, como o grego "nosophoros" (que significa "portador de doença" ou "portador de peste"), o que pode refletir a associação do vampiro à ideia de uma criatura que espalha uma infecção ou praga. Em algumas fontes, a palavra "nosferatu" também foi relacionada a termos eslavos e do leste europeu para descrever entidades sobrenaturais.

Segue a continuação da descrição do professor Van Helsing sobre o conde:

O vampiro não morre com a passagem do tempo simplesmente; fortalece-se, quando pode dispor do sangue dos vivos. E mais do que isso, vemos que pode mesmo rejuvenescer. Mas não pode se fortalecer sem a dieta de sangue; não come outra coisa. O amigo Jonathan que morou com ele durante semanas, jamais o viu comer. Não produz sombra, nem se reflete no espelho, como Jonathan também teve a ocasião de constatar. Tem uma força prodigiosa (Stoker, 2014, p. 207).

Dada a grande ênfase no sangue como alimento e a forma como é referenciado junto ao termo nosferatu. Fica claro a importância do sangue para o personagem e o autor, já que o nosferatu seria aquele que "porta uma doença" ou algum malefício oculto, vale ressaltar que a sociedade na qual Bram Stoker viveu transparece durante toda a obra. O medo em relação ao oculto do leste europeu, e a importância do sangue como símbolo de vida, poder e pureza. Pureza esta que poderia ser manchada ou maculada pelo antagonista em questão.

Segundo BOHN, mantendo em mente a "Questão Oriental" e o Congresso de Berlim de 1878 como pano de fundo para o romance *Drácula*, bem como considerando a rivalidade russo-britânica sobre a reestruturação territorial dos Balcãs, com o controle sobre as rotas marítimas entre o Mediterrâneo e o Mar Negro. Se torna evidente que o declínio do Império Otomano e a "Questão do Estreito" encontram ressonância no trabalho de Stoker. Na verdade, seguindo as interpretações em diversas perspectivas o "Novo Historicismo", os estudiosos da literatura começaram a ver a figura do *Drácula* como um "símbolo da Europa" e considerar a ideia da "colonização inversa" como sendo central para a compreensão do romance.

Até certo ponto, um dos contextos subliminares do romance *Drácula* é sobre a interdependência entre o pecado e perdão. A ignorância dos britanos sobre os cristãos dos Balcãs é punida com a importação de uma substancial e incontrolável epidemia de vampiros. Visto desta forma, o assassinato de *Drácula* por representantes do mundo ocidental pode ser assimilado como uma ação coletiva por parte dos grandes poderes ocidentais, empreendidos em restaurar a ordem interna e consolidar seu poderio. Nesta visão, conscientemente ou não, Stoker apoiou medidas que foram dirigidas tanto contra a balcanização como contra a russificação da Sudeste da Europa.

Seguindo esta linha de pensamento, pode-se observar outros dois pontos de simbolismo importantíssimos no decorrer da obra. A princípio, os caixões aos quais o conde transportou com terra para a Grã-Bretanha, dito que este não poderia se locomover sem estes artefatos, já que só poderia descansar dentro destes caixões recheados com as terras romenas como segue o trecho do romance:

Apenas em certas ocasiões tem uma liberdade ilimitada. Se não está no lugar ao qual pertence, só pode se mudar ao meio-dia ou no momento exato do nascer e do pôr do sol. Assim, ao passo que pode fazer o que quer dentro de seus limites, quando mora em seu túmulo, sua casa infernal, seu lugar sacrílego. (Stoker, 2014, p. 209).

Evidenciando a importância simbólica e prática terras e posses para aquela sociedade em questão. E o medo relacionado ao invasor incorporado em *Drácula*. E por fim, o simbolismo da honra relacionado às mulheres da obra, estas que sofrem com os artifícios “sedutores” do conde *Drácula*. O medo crescente relacionado ao que aconteceria em relação a essas personagens mesmo depois de se tornarem “não-mortas” ou vampiras. Segue o trecho da fala de Arthur Holmwood, personagem que tem sua esposa morta e ressuscitada pelo poder conde. Assim Arthur responde após ser indagado pelo Dr. Van Helsing sobre o que deveria ser feito quanto à sua falecida esposa agora vampira:

“– Dr. Van Helsing – disse Arthur, muito sério – se o senhor me garantir que o que vou prometer não afeta minha honra de cavalheiro e minha fé de cristão, darei meu consentimento imediatamente.” (Stoker, 2014, p. 184).

A época vitoriana a qual a Grã-Bretanha vivia durante a produção da obra, foi marcada por uma sociedade estritamente moralista e religiosamente conservadora, cheia de tensões sobre questões como sexualidade, identidade e a "pureza" das mulheres. O *Drácula* da obra de Stoker pode ser visto como um grande eco para esses medos. Sua capacidade de seduzir mulheres e de corromper a pureza da juventude feminina refletindo as preocupações vitorianas sobre a sexualidade reprimida e as ameaças externas a uma ordem social rígida.

Ressoando essa abordagem, o tema chave durante a obra termina por ser o de uma ameaça representada ao mundo civilizado pelas forças primitivas da periferia das esferas de influência. A inconciliabilidade da consciência cultural e da geopolítica e o aventureirismo levando a um conflito interno na definição dos princípios orientadores ocidentais.

Por fim, a morte do antagonista dá um toque de alívio para com o medo que é expressado pelo autor durante toda a narrativa. Trazendo um tom humanizador para com o conde, consolidando a ideia da dissolução do pecado após a morte. Enfim seguido com o clássico “final feliz” em que o bem, de acordo com a visão ditada pelo autor, vence o mal. Segue o trecho narrado por Nina Harker após o monstruoso conde ser finalmente morto pelo grupo protagonista:

E quando aqueles olhos viram o sol que se punha, a expressão de ódio transformou-se numa expressão de triunfo... Mas, naquele instante, o facão de Jonathan brilhou. Estremeci, ao vê-lo cortando o pescoço do Conde; ao mesmo tempo, a faca do Sr. Morris atravessou-lhe o coração... Foi como um milagre; diante dos nossos próprios olhos, em menos de um segundo, todo o corpo se transformou em pó e desapareceu de nossa vista... Enquanto viver, terei a alegria de lembrar que, no momento da dissolução final, houve no rosto do Conde uma expressão de paz como jamais supus que pudesse haver. (Stoker, 2014, p. 331).

A trajetória narrativa da obra *Drácula* persiste numa aproximação do leitor para com os personagens num esquema de anotações em cartas, diários e mentais junto aos diálogos descritivos, trazendo uma névoa que perfeitamente se encaixava com a escolha da ambientação do antagonista e sua origem de certo modo. Apesar disso, o próprio Bram Stoker nunca esteve na Transilvânia ou na Romênia. Enfim, vários termos como o próprio *nosferatu* vem de outras obras como no caso do primeiro em referência a obra de Emily Gerard (1849 – 1905) que viveu na Transilvânia e em 1885 em forma de artigo publicou sobre a cultura da região e posteriormente um livro, “*The Land Beyond The Forest*” (A terra além da floresta).

Por fim como figura também política e cultural, várias adaptações e releituras da história e do personagem de Bram Stoker foram feitas, a figura de *Drácula* também foi misturada com outras culturas e abordagens. Exemplos dessa disseminação na cultura popular podem ser encontrados na literatura como “Entrevista com o Vampiro” de Anne Rice publicado em 1976 ou em “A hora do Vampiro” de Stephen King em 1975, sendo Stephen dos grandes autores contemporâneos do gênero suspense e terror. Essas mesmas obras foram adaptadas ao cinema nos anos de 1994 no caso de “Entrevista com o Vampiro” e 2024 no caso da obra “A Hora do Vampiro” de Stephen King.

Já nas indústrias de jogos a franquia mais destacada como já comentado é Castlevania, produzida pela KONAMI lançada em 1986, esta permanece sendo readaptada, tendo grande destaque em moldar a nova estética e leitura do personagem Drácula quanto da cultura em volta de personagens “vampirescos”. Dando vida a outras obras sobre vampiros, como a personagem Carmilla da adaptação de 1987 no jogo “*Castlevania II: Simons Quest*” que é inspirada na obra “Carmilla” de Sheridan Le Fanu’s em 1872. Expondo o grande eco do sucesso literário, não apenas de Drácula, mas também da “mitologia vampírica” no mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A finalidade desta pesquisa é compreender a influência de um personagem histórico ressoado pelo veículo literário e como este pode ser utilizado de diversas formas para disseminar ideais religiosos, culturais, antropológicos e políticos. A crença e o imaginário humano não carecem de muito para que mundos sejam criados. Todavia, a reunião de vários fragmentos e contos alimentados por culturas diferentes, podem transcender certas limitações impostas pela mortalidade de seus autores ou personagens históricos. A mera menção de termos como “vampiro” que circundam a mitologia gerada por essa união já trazem centelhas dessa visada ascensão, seja ela folclórica ou nos anais da história humana.

Escrever hoje sobre Drácula, o célebre vampiro criado por Bram Stoker (1897), é prolongar o espírito do Frankenstein de Mary Shelly (1818) porque ambos os romances se filiam no mesmo gênero literário – o gótico (Ermida, 2016). Ambas as figuras literárias se tornaram míticas, ao longo dos tempos, porque encarnam um dos grandes desejos obsessivos da humanidade – o da imortalidade: “No entanto, ele deseja triunfar e um homem que tem diante de si vários séculos pode dar-se ao luxo de esperar e de agir com lentidão. [...] [Drácula] pode optar por dormir durante um século” (Stoker, 2014, p. 329, 387). Nomeadamente, a propósito do conde Drácula: “Van Helsing lamenta que esta criatura sobrehumana, que triunfou sobre a morte, não tenha colocado a sua força e a sua inteligência ao serviço do bem” (Marigny, 1999, p. 63).

O Conde Drácula, suas adaptações e derivações se encaixam como um dos personagens mais complexos e duradouros da literatura e posteriormente de outras plataformas midiáticas. Sua criação por Bram Stoker não foi apenas uma maneira de contar uma história de terror, mas também uma reflexão sobre os medos sociais, culturais e individuais da época vitoriana. Através de sua natureza ambígua, entre o humano e o monstruoso. O vampiro continua a ser uma figura que desafia interpretações, mantendo seu lugar como um símbolo fascinante da literatura e da visão do humano sobre si.

“Drácula” não só amplificou o vampiro como um mito literário, mas também forneceu um modelo para outras histórias de terror e, paradoxalmente, humanizou o conceito do monstro. Em sua busca eterna por sangue e poder, Drácula nos lembra da fragilidade da condição humana, do medo de nossas próprias escuridões internas e da tentação de romper as barreiras que separam a vida da morte.

As maiores barreiras a serem transpostas diante do desafio da pesquisa histórica e literária quanto a personagens como o conde Drácula e o voivoda Vlad III, acabam por ser a difusão dos ideais e culturais diversos. Inicialmente a partir das visões dos indivíduos que viveram na região a qual o personagem nasceu e esteve durante vida, nesse caso os Balcãs do século XV a exemplo do voivoda valáquio. Assim também as visões implícitas na obra de Bram Stoker e quais seriam os reflexos da Europa do século XIX e mais precisamente do pensamento ocidental europeu incumbido à obra.

Diante de tais visões, a comparação acaba sendo inevitável entre os personagens, agora tendo acesso à diversas fontes que contemplam a produção historiográfica e diferentes versões de cada personagem, é possível pontuar com melhores lentes as possibilidades do ser humano para além do mito. Seja dentro de um sistema político aristocrata do fim do medievo e em específico numa região tão disputada como os Balcãs durante o fim do período medieval. Quanto os traços de outra sociedade aristocrata como a Grã-Bretanha vitoriana, situada ao fim do século XIX, sendo figuras dispostas em diferentes momentos da história do mesmo continente, porém, ligadas pela herança folclórica de suas diferentes culturas.

Durante o exemplo da história de Vlad III, pode-se compreender como o ser humano tem a capacidade de superar lendas e mitos que deveriam ser tão etéreos e surreais. Através da visão daqueles que rivalizaram e presenciaram tamanha crueldade, tendo em consonância o efeito criado, sendo um instrumento efetivo de exercício político entre as relações de poder discutidas. A divisão entre a moralidade do medievo, os códigos de honra e eclesiásticos, perante algo que foge a concepção de humanidade e de certa forma bondade ou ausência dela através dos prismas europeus utilizados.

De qualquer forma, foi depois de 1490 que *A História do Voivoda Drácula* perdeu sua face política e se tornou um livro popular, leitura antes de dormir para um público apaixonado por uma literatura onde tiranos e comerciantes desempenhavam cada vez mais o papel de liderança. Desta forma, Drácula tornou-se um exemplo, a encarnação do mal, um tirano como Herodes, o assassino de inocentes, ou Nero e Diocleciano os perseguidores dos cristãos, que usaram torturas comparáveis às atribuídas ao Drácula, e que os

pregadores conheciam da vida dos mártires. (Cazacu, 2017, p.205, tradução própria).¹²

Questões são levantadas sobre como a névoa abominável de um passado (através da visão contemporânea) considerado cruel na história humana, paira mais forte em torno de um humano que em um ser fictício, como o conde Drácula de Stoker. A quem são creditados tantos feitos hediondos e poderes inimagináveis, todavia em seu catastrófico fim, apresentando-se talvez mais humanizado que o próprio personagem histórico ao qual tanto é associado. Concluindo assim que a descrição desumana em questão não seria inerente apenas o fator imaginário e sim ao comportamento social deste, e o fato de que ambos conseguiram atingir um status similar no imaginário popular, seja propositalmente ou não. Conquistando cada um a seu modo, imortalidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STOKER, Bram. **Drácula**. Brasil. eBooksBrasil, 2002.

ARAÚJO, Alberto Filipe *et al.* **O Mito de Drácula: Imaginário & Educação**. São Paulo: FEUSP, 2019. v. 2.

CAZACU, Matei. **Dracula**. Paris: Tallandier, Impr, 2011.

BOHN, Thomas M.. **The Vampire: Origins of a European Myth**. New York: Berghahn, 2019.

TORTOMANI, Konstantina. **Vlad III Dracula: The many reincarnations of the man and the legend**. Thessaloniki, Greece: International Hellenic University, 2015.

BLOCH, March. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1979.

FAULKNER, Harold U. *et al.* **The Commentaries of Pius II**. Northhampton, Massachusetts: Department of History of Smith College, 1957.

MCNALLY, Raymond T.; FLORESCU, Radu. **In Search of Dracula: The History of Dracula and Vampires**. New York: Houghton Mifflin Company, 1994.

SIMON, Alexandru. **The Pope, The Hunyadis and The Wallachians: The curious case of Pius II**. Cluj-Napoca: Romanian Academy, Centre for Transylvanian Studies, 2020.

¹² “In any event, it was after 1490 that The History of Voievod Dracula lost its political currency and became a popular book, bedtime reading for a public fond of a literature where tyrants and merchants increasingly played the leading role. In this way, Dracula became an exemplum, the incarnation of evil, a tyrant like Herod the murderer of innocents, or Nero and Diocletian the persecutors of Christians, who used tortures comparable to those attributed to Dracula, and which preachers knew from the lives of the martyrs.” (Cazacu, 2017, p.205).

SIMON, Alexandru. **From Dragula to Cypelles: Wallachia in the Late 1470s**. Cluj-Napoca: Romanian Academy, Centre for Transylvanian Studies, 2021.

BOIA, Lucian. **History and Myth in Romanian Consciousness**. Budapest: Central European University, 2001.

FRANCO, Hilário Jr.. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

GOINA, Mariana. **The Uses of Pragmatic Literacy in The Medieval Principalities of Moldavia and Wallachia: from the state foundation to the end of the sixteenth century**. Budapest: Department of Medieval Studies of the Central European University, 2009.

MARTÍN, Antonio Contreras. **De VLAD III, Príncipe de Valaquia, A Vladislaus Szeklys. História y Leyenda**. Barcelona: Medievalia, 2015.